

Meditação sobre as palavras de Gurumayi

Mahashivaratri

por Eesha Sardesai

“Eu sou Shiva, Shiva é o melhor”

No final do *satsang* de Siddha Yoga em honra a Mahashivaratri, pouco antes do fim da transmissão em vídeo ao vivo, Gurumayi deu a todos uma bela instrução. Ela nos disse para vivenciar o ensinamento “Eu sou Shiva, Shiva é o melhor”.

Foi uma daquelas frases que me chamou atenção imediatamente por ser tão representativa de Gurumayi e da forma como ela ensina. Era como um sutra — intrigante, misterioso, repleto de sabedoria e completo por si só. Fui lembrada, mais uma vez, de tudo pelo que temos que ser gratos no caminho de Siddha Yoga. Temos uma Guru viva, que está sempre nos transmitindo seus ensinamentos. Mesmo uma única frase, quando dita pela nossa Guru, tem o poder de transformar nossa maneira de encarar a vida. Cabe a nós, então, honrar o que nos foi dado, contemplar os ensinamentos do Guru e colocar em prática o conhecimento adquirido.

Então tenho pensado, desde o *satsang* sobre Mahashivaratri, sobre esse ensinamento de Gurumayi. O que significa dizer que o Senhor Shiva é o melhor? O que significa dizer “Eu sou Shiva, Shiva é o melhor”? Por que é tão benéfico manter essas palavras em nossa consciência — experienciar essa verdade?

A primeira coisa que me veio à mente foram os muitos nomes do Senhor Shiva, alguns dos quais já compartilhei antes em “Meditação sobre as

palavras de Gurumayi”. Uma parte considerável dos mais de mil epítetos para o Senhor Shiva tem a ver com ele ser, simplesmente, o *melhor*. Ele é Maheshvara, o grande Senhor, o Senhor de tudo. Ele é Parameshvara, o Senhor supremo, a maior das divindades. Ele é Vishvanatha, o mestre do universo, e Ishana, o grande governante, o senhor que preside sobre todo conhecimento. Ele é Shivatara, mais auspicioso do que tudo que é auspicioso.

Esses nomes são invocados pelos devotos do Senhor Shiva para louvá-lo, orar a ele, buscar suas bênçãos. Então, até certo ponto, essa linguagem — de Shiva ser o melhor, de ser maior e mais auspicioso que todos os demais — é uma expressão da devoção das pessoas. Se o Senhor Shiva é *sua* divindade escolhida, então claro que você vai pensar que ele é o melhor!

Enquanto eu refletia, porém, achei que também valia a pena adotar uma visão mais ampla da questão — considerar, de um ponto de vista mais filosófico, o que o superlativo *melhor* poderia significar quando se trata do Senhor Shiva. De acordo com as escrituras da Índia, o Senhor Shiva é a personificação da Consciência suprema. Ele é a Realidade absoluta. Não há nada nem ninguém *além* dele, então, por definição, não pode haver nada maior do que ele. Ele é a essência pura de tudo o que é, foi e será.

Quanto mais pensei nisso, mais precisei me esforçar para não ficar boquiaberta. É uma verdade que faz a mente parar, literalmente cósmica em seu alcance. Essa é uma das razões pelas quais fui tão atraída pela forma como Gurumayi se expressou quando disse “Eu sou Shiva, Shiva é o melhor”. Gurumayi traz a questão para a realidade, por assim dizer. Ela a torna acessível, compreensível, algo com que podemos nos envolver. Descrever alguém ou algo como “o melhor” é aplicar-lhe um adjetivo coloquial e carinhoso. Na minha experiência pessoal, sempre que uso essa expressão em referência a alguém que conheço, ela é acompanhada de uma onda de afeto pela pessoa e um sentimento visceral de proximidade.

Ela é simplesmente a *melhor*. Nenhuma outra palavra é suficiente. Nenhuma outra palavra faz justiça a quem ela é e ao que ela significa para mim.

Quando Gurumayi diz “Shiva é o melhor”, sinto que ela está nos mostrando como podemos unir essas duas realidades complementares. O Senhor Shiva é o maior, o mais elevado, a Realidade suprema. Ele também é o melhor *para nós*, tão próximo e querido quanto nosso próprio Ser interior.

E isso me leva à outra parte da frase que Gurumayi disse no *satsang*. “Eu sou Shiva, Shiva é o melhor.” Quase vejo essas palavras, e a prática de trazê-las à mente, como uma espécie de desafio amigável. E se enxergássemos em nós mesmos os mesmos atributos que exaltamos no Senhor Shiva? Ou se pelo menos acreditássemos que somos capazes de cultivar e exhibir esses atributos? E se sentíssemos por nós mesmos o mesmo carinho e respeito que sentimos por aqueles que descrevemos prontamente como “os melhores”?

Não posso evitar de pensar que, se todos nós fizéssemos isso coletivamente, estaríamos cumprindo o ensinamento central do *satsang*. Estaríamos *ampliando a auspiciosidade*. A paz, como aprendemos com Gurumayi, começa conosco, com o tipo de ambiente que nutrimos dentro de nós. Se pudermos acreditar no melhor de nós mesmos — se conseguirmos ver a verdade de quem somos em meio a nossos temperamentos peculiares, nossas emoções flutuantes, nossas histórias pessoais, nossas formas particulares de pensar e fazer as coisas — então é muito mais fácil acreditar no melhor daqueles ao nosso redor. Fica ainda mais possível vislumbrar o Senhor que habita em nosso interior, permeando também o mundo exterior.

Como cantamos nos mantras *Om Purnamadah*:

Om. Isso é perfeito. Isto é perfeito.
Do perfeito surge o perfeito.
Se do perfeito se tira o perfeito,
permanece o perfeito.

Om. Paz! Paz! Paz!

Agora que invocamos o Senhor Shiva em sua forma mais transcendente, gostaria de lhe perguntar: quais passos você tomou conscientemente para ampliar a auspiciosidade em seu dia a dia? Você dedicou tempo em seu dia, especialmente desde o *satsang* com Gurumayi em honra a Mahashivaratri, para cultivar a percepção “Eu sou Shiva”?

Em caso positivo, como esse nobre empreendimento transformou sua *sadhana*? As pessoas do seu convívio notaram algo diferente em você? Elas já expressaram o quanto acham enriquecedor estar em sua presença?

